

2.º do  
bom dia -

# Pedro Calmon

3/7/85 -  
Y. pin

## Evaristo de Moraes Filho

Discurso pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

“Às 11 horas da manhã de hoje, telefonou-me o nosso Presidente, Dr. Américo Jacobina Lacombe, lembrando-me esta sessão em homenagem a Pedro Calmon e solicitando-me que lhe dedicasse algumas palavras, breves, entre diversas outras que aqui serão proferidas. Ordem dada, ordem cumprida. Foi pegar papel, pô-lo na máquina e deixar a saudade falar.

Calmon sempre representou para mim os conselhos dados por Goethe para uma existência plena e produtiva: meter a mão em cheio na vida, vivê-la intensa, resoluta e belamente. Assim o fez o nosso pranteado presidente. Também, como Goethe, bem sabia que o minuto é côncavo, e nele cabe a eternidade. Não havia um instante perdido na vida de Calmon. Com o talento que Deus lhe deu, era uma máquina de pesquisa, de estudo e de produção científica. Intuitivo, nada intelectualista, pensava rápido, ligava fatos, relacionava-os para a compreensão de toda uma época histórica ou de uma personalidade.

Estreando em 1923, antes de completar 21 anos de idade, manteve-se ativo como escritor até os últimos dias de vida. Teve o privilégio, raro, de ser grande orador e grande escritor, com pleno domínio da palavra, que para ele não tinha segredo; com imensa erudição histórica e literária; com poderosa imaginação criadora, indispensável esta em qualquer manifestação do conhecimento humano, quer nas ciências naturais, quer nas culturais. Nem só o ficcionista cria pela imaginação: ela faz-se presente no salto qualitativo da explicação científica, na elaboração das hipóteses de trabalho. O que não pode é delirar dos fatos reais de que dispõe ou possa dispor.

Para as criaturas de exceção tudo parece fácil e ligeiro, porque não turvam a água para fingirem que nelas há profundidade. Os livros de Calmon não pedem um tradutor para serem compreendidos. O seu estilo é simples, correto, literariamente agradável, sem rebuscamentos inúteis, nem exibições de falsa cultura. Poucos, neste País, tinham um conhecimento tão amplo da história nacional e das suas fontes historiográficas. Calmon desde muito jovem, adolescente ainda, habituou-se a freqüentar bibliotecas e arquivos, na busca do livro raro ou do documento ainda inédito. Por toda a parte pesquisou, em instituições brasileiras ou estrangeiras, sem descanso, consciente de que só os tolos, os dogmáticos ou os presunçosos se julgam possuidores da verdade como uma entidade ontológica definitiva e imutável.

Mente aberta, coração largo, entusiasmo de vida, no trabalho de Calmon, se não havia dogmatismo, também não havia ceticismo. Acreditava no que fazia e o fazia com amor. Homem do passado — pelo conhecimento e pela cultura —, ninguém mais o foi do que ele homem do presente, vivendo o seu tempo e a sua época. O historicismo nunca o inibiu nem o paralisou para os problemas contemporâneos. Pelo contrário, servia-lhe de substrato para explicá-los, ajudar a resolvê-los e lhe dar a medida exata da sua projeção para o futuro. Foi tudo que quis e pôde ser no seu presente; ocupou todas as posições, atuou, opinou, agiu, organizou, compôs conflitos alheios, deixou a sua marca como a impressão digital de um grande criador.

Peço vênias para repetir aqui algumas palavras que proferi, há menos, de um mês, ao receber a Medalha Teixeira de Freitas: “Por ser breve, mero instantâneo, pequena lâmina de tempo, o presente se nutre do passado, desse passado que fez por merecer

ainda ser lembrado, e logo se projeta para o futuro. Ambos o fecundam, pois o presente é sempre a consciência do futuro possível. É uma tensão dialética, que precisa morrer para frutificar como a semente bíblica, mas os materiais que o informam são como idades geológicas; não se apagam, não se anulam; acumulam-se, superpõem-se. Como adverte Wilhelm Pinder, qualquer momento histórico não é um ponto, mas uma linha, uma sonda de profundidade, que vamos introduzindo verticalmente através de desenvolvimentos de vida, através de conexões da história do pensamento humano, conexões que apresentam diversas épocas de começo e diversas perspectivas de duração. O “instante histórico” já é por si um trajeto”.

Esta era também a noção de história de Calmon, esta era também a sua noção de vida. O seu instante de vida foi um instante de criação, de alegria, homem dionisiaco, como que a consumir-se na própria chama. Como Disraeli, bem sabia Pedro Calmon, que a vida é demasiado curta, para ser mesquinha. Jamais odiou, jamais invejou, jamais destruiu o sonho de alguém ou lhe jogou pedras no caminho, ao contrário de muitos que por aí andam cheios de ressentimento e vazios de ternura humana. Não são geniais, são geniosos, como costumava dizer o próprio Calmon.

Com ele desaparece um grande pedaço da vida de todos nós, seus amigos e admiradores, talvez o melhor — da nossa mocidade, dos nossos projetos, da nossa preparação. Pelos livros que escreveu, pelos postos que ocupou, pelos monumentos que erigiu, Calmon, historiador e administrador, passou, ele também, a ser história — para ser lembrada e ser contada, como exemplo de um homem bom, inteligente e culto, cuja maior obra, para todos nós, foi ele próprio.”